

# Mulher, feminino e feminismo em debate no campo artístico brasileiro (1960 - 1970)

Bruna Fernanda Vieira Silva<sup>1</sup>

 0000-0001-5778-3614

*Como citar:*

In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 15, 2021, virtual. **Atas do XV Encontro de História da Arte**. Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 15, 2022.

DOI: 10.20396/eha.15.2021.4660

## Resumo

A pesquisa propõe analisar a circulação dos conceitos de mulher, feminino e feminismo no campo artístico brasileiro nas duas décadas anteriores à disseminação do movimento feminista em contextos sociais e culturais na década de 1980 no Brasil. Para isso, pretendemos investigar a produção discursiva realizada pela crítica de arte, os museus e galerias de arte, consideradas áreas responsáveis pela legitimação e reconhecimento no campo artístico nas décadas de 1960 e 1970.

**Palavras-chave:** Arte brasileira. Gênero. Exposições. Crítica de arte. Legitimação.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Culturas e Identidades Brasileiras no Instituto de Estudos Brasileiros da USP (IEB USP), com orientação da prof<sup>a</sup> dr<sup>a</sup> Ana Paula C. Simioni. Financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Este trabalho é um esboço geral da dissertação de mestrado intitulada *Mulher, feminino e feminismo em debate no campo artístico brasileiro (1960 – 1970)*. A pesquisa foi iniciada em 2021 e em seu primeiro ano enfrentou todos os problemas acarretados pela pandemia de COVID 19, que instaurou o regime de aulas on-line, fechou arquivos, bibliotecas e restringiu o contato entre pessoas. O cronograma de trabalho foi afetado e pouco foi desenvolvido em relação ao projeto inicial da pesquisa. Deste modo, o que foi apresentado no XV Encontro de História da Arte baseou-se em grande medida nesse projeto.

A referida pesquisa pretende analisar a circulação dos conceitos mulher, feminino e feminismo no campo artístico brasileiro nas décadas de 1960 e 1970 através do levantamento de exposições realizadas em museus e galerias de arte e em textos de crítica de arte que mobilizaram pelo menos alguns desses temas. É importante circunscrever melhor dois pontos que aparecem nessa definição inicial, pois eles são fundamentais para delinear os objetivos e a metodologia da pesquisa.

O primeiro deles é a questão de gênero abordada na dissertação. O projeto parte das conceituações teóricas do gênero como um elemento discursivo e operativo mobilizadas por Judith Butler e Joan Scott<sup>2</sup>, que, além de principais referências teóricas para este trabalho, também historicizam o início do uso do conceito nas ciências humanas na década de 1980. Apesar de serem autoras que formularam seus estudos a partir do norte global, podemos adotar essa datação também para as ciências humanas e o campo cultural brasileiro, pois no período aqui estudado os temas não eram evocados a partir do conceito de gênero, nem mesmo essa palavra é mobilizada. Os assuntos que relacionamos hoje às “discussões de gênero” eram tratados na época através de três formulações discursivas principais: o conceito de mulher, que pode ser entendido como uma categoria baseada na diferença sexual entre os corpos; o conceito de feminino, visto como um conjunto de elementos socialmente relacionados às pessoas identificadas biologicamente como mulheres; e o termo/conceito de feminismo, relacionado ao movimento político e social das mulheres<sup>3</sup>. Por essa razão, volto meu interesse para a circulação desses três conceitos, apesar das análises serem ancoradas em uma bibliografia pós-década de 1980 que utiliza gênero como um aparato teórico<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In: **Pensamento feminista**. Conceitos Fundamentais. HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 49-80.

<sup>3</sup> As formulações acima foram produzidas através do cruzamento da documentação da época mobilizada na pesquisa, que listaremos adiante.

<sup>4</sup> Joan Scott localiza historicamente a adoção do termo gênero na década de 1970 pelas feministas norte-americanas, que optaram pelo conceito para insistir no caráter fundamentalmente social e relacional das distinções baseadas no sexo e nos anos 1980 utilizaram-no em uma estratégia de legitimação acadêmica de seus estudos em nome de uma suposta neutralidade e objetividade do conceito em oposição aos discursos sobre mulheres. C.f. SCOTT, Joan. Idem, p. 50-53.

O segundo ponto que pretendo circunscrever melhor é o conceito de campo artístico brasileiro, que aparece no título da pesquisa. O conceito de campo artístico faz referência aos trabalhos do sociólogo Pierre Bourdieu<sup>5</sup>. No entanto, falar de campo artístico brasileiro é falar de um território muito amplo geográfica e culturalmente, e que, portanto, não cabe em uma definição única. Apesar da pretensão generalista que o conceito pode sugerir, o recorte geográfico é circunscrito à cidade de São Paulo, que no período estudado era o principal centro econômico e cultural do país – como apontam a documentação e a bibliografia mobilizadas. Nas décadas de 1960 e 1970, e mesmo nos períodos anteriores, há a coexistência de centros de forças, num contexto nacional, entre os campos artísticos das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, e por essa razão o eixo Rio-São Paulo muitas vezes é trabalhado em conjunto; nos objetos que mobilizamos também existe essa correlação, sobretudo na crítica de arte, que muitas vezes era publicada em jornais do Rio de Janeiro, mas faziam referência à exposições realizadas em São Paulo. Apesar disso, manteremos o recorte na região de São Paulo para dar conta da pesquisa documental em instituições públicas e privadas que se encontram nessa cidade.

Me dedico agora ao recorte cronológico da pesquisa. De modo geral, sabemos que o movimento feminista costumeiramente chamado de “feminismo de segunda onda” nasce e se difunde a partir da década de 1960 em países centrais do capitalismo; nas periferias, como o Brasil e outros países da América Latina, apesar de existirem importantes movimentos de mulheres, as ditaduras militares que acometiam muitos desses países no período eram a principal preocupação nas arenas políticas, sociais e culturais. No caso brasileiro, é a partir da década de 1980, quando acaba a ditadura militar e alguns exilados e exiladas retornam ao país, que ocorre uma aproximação maior com o movimento feminista estadunidense e europeu, inclusive no campo da arte. Apesar dessa cronologia, nas duas décadas anteriores à essa disseminação – do princípio ao recrudescimento e distensão do regime militar – constatamos que já existiam ações no campo artístico, como exposições coletivas e individuais, que mobilizavam os assuntos mulher, feminino e, até mesmo, feminismo.

Deste modo, o recorte cronológico da pesquisa parte da exposição *A contribuição da mulher às artes plásticas no país*, que ocorreu entre 1960 e 1961 no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM SP) e vai até o ano de 1980, quando aconteceu a exposição coletiva *American Women Artists*, no Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC USP). A mostra do MAM de São Paulo é pioneira em abordar a mulher como como sujeito (produtora, artista) e não apenas como objeto (mulher retratada) na arte brasileira; o projeto da mostra surgiu na gestão do Paulo Mendes de Almeida (1905-1986), mas só foi realizada no período em que o Mário Pedrosa (1900-1981) estava na direção do museu – entretanto, a repercussão na

---

<sup>5</sup> BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

imprensa especializada da época foi pouco receptiva em razão da temática escolhida<sup>6</sup>. Já a exposição realizada quase vinte anos depois no MAC USP teve foco na arte produzida por mulheres estadunidenses, mas também se destaca pelo ineditismo de expor e abordar uma produção que não apenas foi feita por mulheres, mas que assumia, em muitos casos, uma postura assumidamente feminina e feminista. *American Women Artists* foi organizada pelas artistas Glenna Park (-), residente nos EUA, Mary Dritschel (1934), estadunidense residente em São Paulo no período, e a brasileira Regina Silveira (1939). A exposição também não teve muita repercussão na crítica, mas carece de ser estudada pela historiografia com maior atenção.

Pretendemos levantar outras ações que aconteceram entre as duas exposições para traçar uma genealogia dos temas de gênero – ou mulher, feminino e feminismo – em espaços de legitimação e reconhecimento no campo artístico desse período, entendidos como a crítica de arte e as instituições públicas e privadas (museus e galerias de arte). Esses objetos se ancoram nos estudos de Maria Amélia Bulhões Garcia sobre o sistema das artes plásticas brasileiras nas décadas de 1960 e 1970, onde a autora identifica os museus, as galerias e a crítica de arte como espaços centrais no processo de legitimação e reconhecimento da produção artística, de artistas e dos discursos no período<sup>7</sup>.

Outra importante referência teórica e conceitual para a pesquisa são as relações entre saber e poder estudadas pelo filósofo francês Michel Foucault. As teorias sobre gênero que aparecem na bibliografia do projeto já mobilizam os preceitos metodológicos e teóricos de Foucault para pensar a construção discursiva em torno do gênero para além de uma busca por essências da “mulher” e do “feminino”, evidenciando as apostas políticas em jogo nesse processo. O gênero como um discurso inscrito historicamente é compreendido à luz de suas implicações em uma realidade material, pois uma prática discursiva gera efeitos de dominação, produção de saberes e difusão destes em espaços institucionais, bem como na prática artística.

Logo, a pesquisa se volta para a produção discursiva das instituições públicas e privadas no período estudado através de ações que abordaram essas temáticas, mas também se atenta à presença ou ausência em seus arquivos e memória institucional dessas ações, pois é isto que nos chega atualmente e que indicia as relações de poder que pretendemos circunscrever neste trabalho. Também procuramos destacar as ações que ocorreram nas duas décadas supracitadas porque a narrativa da história da arte brasileira sobre o período, até muito recentemente, não abordava produções (artísticas, institucionais e

---

<sup>6</sup> CERCHIARO, Mariana M; SIMIONI, Ana Paula C; TRIZOLI, Talita. The exhibition 'Contribuição da mulher às artes plásticas brasileira' and the silence of Brazilian art criticism. *Artl@s Bulletin*, v.8, n. 1, p. 209-224, 2019.

<sup>7</sup> GARCIA, Maria Amélia B. *Artes plásticas: participação e distinção. Brasil anos 60/70*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

de crítica) relacionadas às questões de gênero, o que aponta para uma disputa narrativa e, em grande medida, um apagamento do assunto. No campo da crítica, que no caso brasileiro se confunde muitas vezes com a produção historiográfica<sup>8</sup>, é importante destacar que não há um consenso nas discussões sobre gênero no período, inclusive, há uma forte atitude anti-feminista entre alguns agentes atuantes no campo da arte que resultava em uma negação às produções artísticas e outras ações do campo que se aproximam das temáticas de gênero. Pretendemos analisar a maneira como as relações de poder que conformavam os agentes da crítica também influenciou a narrativa hegemônica da história da arte brasileira.

Portanto, a dissertação será estruturada em torno de três grandes núcleos de objetos que serão levantados e posteriormente analisados: as exposições em museus, as ações em galerias de artes e os textos de crítica de arte. Como citado anteriormente, as exposições que ocorreram no períodos em instituições museológicas em São Paulo foram as mostras no MAM SP em 1960 e no MAC USP em 1980; se não for encontrado nenhum outro projeto com esse caráter, pretendemos analisar as duas exposições de maneira comparativa objetivando delinear a mudança conceitual em torno dos termos mobilizados pelo discurso institucional e suas recepções críticas.

O segundo núcleo, talvez o mais desafiador devido à dificuldade de conservação de documentação de instituições privadas e as lógicas mercadológicas que regem essas ações, é o das galerias de arte. Destacamos que, apesar do país estar sob a ditadura militar entre as décadas de 1960 e 1980, é justamente nesse período que muitas galerias abrem em São Paulo e isso se relaciona com o fortalecimento de um mercado de arte propriamente nacional, que ganhou força nas décadas posteriores. Para o levantamento dessas instituições e suas ações relacionadas aos temas mulher, feminino e feminismo, utilizamos o trabalho do sociólogo José Carlos Durand<sup>9</sup>, que realizou um levantamento das galerias de arte que funcionaram em São Paulo entre as décadas de 1960 e 1970, sinalizando, inclusive, aquelas que tinham mulheres como sócias.

Por fim, o terceiro núcleo se voltará aos textos de crítica de arte do período. Partimos de um conjunto de textos publicados em jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro das(os) críticas(os) de arte Aracy Amaral, Sheila Leirner, Lourival Gomes Machado, Jayme Maurício, Frederico Moraes e da jornalista Regina Pinto Lopes<sup>10</sup>; além de analisar discursivamente a produção de cada indivíduo desse conjunto

---

<sup>8</sup> Ver mais em: TEJO, Cristina S. **A gênese do campo da curadoria de arte no Brasil: Aracy Amaral, Frederico Moraes e Water Zanini**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco: 2017.

<sup>9</sup> DURAND, José Carlos. **Arte, privilégio e distinção**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

<sup>10</sup> AMARAL, Aracy. O cotidiano feminino transformado em arte. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo: 04-11-1979. AMARAL, Aracy. A respeito do questionamento de Sheila Leirner: existe uma arte especificamente feminina?. In: **Arte e meio artístico. Entre a feijoada e o x-burguer (1961-1981)**. São Paulo: Nobel, 1983. LEIRNER, Sheila. A arte feminina e o Feminismo. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo: 13-02-1977. LEIRNER, Sheila. Feminismo brasileiro, opinião da crítica. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo: 27-02-1977.

para delinear suas posições e traçar os contornos de um debate sobre os temas mulher, feminino e feminismo no campo artístico brasileiro, também pretendemos aprofundar a pesquisa na crítica periodística para levantar outros textos do período que podem não ter sido listados.

Em tons de conclusão dessa incursão sobre o projeto da dissertação *Mulher, feminino e feminismo em debate no campo artístico brasileiro (1960 – 1970)*, salientamos que o tratamento metodológico para sua realização baseia-se na uma pesquisa documental em arquivos, acervos e bibliotecas que busca indícios dos temas mulher, feminino e feminismo na crítica de arte, em museus e galerias de arte entre as décadas de 1960 e 1970 e na análise posterior da documentação levantada – ou de sua ausência – a partir de uma bibliografia de matriz foucaultina sobre o gênero e abordagens sociológicas sobre a legitimação e o reconhecimento no campo artístico brasileiro, focando especificamente na dimensão discursiva dessa documentação e suas implicações na narrativa historiográfica sobre o período. Temos como objetivos identificar quais ideias sobre o feminino, as mulheres e o feminismo circulavam no campo artístico brasileiro nas décadas referidas, analisar as relações e proveniências discursivas dessas ideias, dimensionar essa circulação e compreender se existiu um debate sobre o tema no período. Deste modo, propomos repensar o discurso sobre gênero no campo artístico brasileiro a partir das relações de poder que se desvelam em instancias de legitimação e reconhecimento do campo.

### Referências Bibliográficas:

AMARAL, Aracy. O cotidiano feminino transformado em arte. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo: 04-11-1979.

AMARAL, Aracy. **Arte e meio artístico**. Entre a feijoada e o x-burger (1961-1981). São Paulo: Nobel, 1983.

AMARAL, Aracy. **Arte pra quê?** A preocupação social na arte brasileira (1930-1970). 3ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 2003.

AMARAL, Aracy. **Textos do Trópico de Capricórnio**. Artigos e ensaios (1980-2005). V. 3: Bienais e artistas contemporâneos no Brasil. São Paulo: Ed. 34. 2006.

BARROS, Roberta. **Elogio ao toque**. Ou como falar da arte feminista à brasileira. Rio de Janeiro: Relacionarte, 2016.

---

MORAIS, Frederico. Presença da mulher na arte brasileira. **O Globo**, Rio de Janeiro: 08-03-1982. MACHADO, Lourival Gomes. O sexo dos anjos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro: 14-01-1961. MAURÍCIO, Jayme. Mulheres no Ibirapuera: 275 obras. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro: 27-01-1961. LOPES, Regina Pinto. Elas na vanguarda. **O Globo**, Rio de Janeiro: 29-12-1969.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CERCHIARO, Mariana M; SIMIONI, Ana Paula C; TRIZOLI, Talita. The exhibition 'Contribuição da mulher às artes plásticas brasileira' and the silence of Brazilian art criticism. **Artl@s Bulletin**, v.8, n. 1, p. 209-224, 2019.

DURAND, José Carlos. **Arte, privilégio e distinção**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 13<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres**. 8<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III: O cuidado de si**. 1<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GARCIA, Maria Amélia B. **Artes plásticas: participação e distinção**. Brasil anos 60/70. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

LEIRNER, Sheila. A arte feminina e o Feminismo. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo: 13-02-1977.

LEIRNER, Sheila. Feminismo brasileiro, opinião da crítica. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo: 27-02-1977.

LEIRNER, Sheila. **Arte como medida**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

LOPES, Regina Pinto. Elas na vanguarda. **O Globo**, Rio de Janeiro: 29-12-1969.

MACHADO, Lourival Gomes. O sexo dos anjos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro: 14-01-1961.

MAURÍCIO, Jayme. Mulheres no Ibirapuera: 275 obras. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro: 27-01-1961.

MORAIS, Frederico. Presença da mulher na arte brasileira. **O Globo**, Rio de Janeiro: 08-03-1982.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 52, p. 249-272, dez. 2006.

SARTI, Cynthia. Feminismo no Brasil: uma trajetória particular. **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas), n. 64, p. 38-47, fev. 1988.

SARTI, Cynthia. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 35-50, ago. 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In: **Pensamento feminista**. Conceitos Fundamentais. HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 49-80.

TEJO, Cristina S. **A gênese do campo da curadoria de arte no Brasil: Aracy Amaral, Frederico Moraes e Water Zanini**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco: 2017.

TVARDOVSKAS, Luana Saturnino. **Dramatização dos corpos**. Arte contemporânea e crítica feminista no Brasil e na Argentina. São Paulo: Intermeios, 2015.